



Dois Senhores: Jornalismo e Literatura nas Páginas da Revista SENHOR¹

Cíntia Silva da CONCEIÇÃO²

Roberto NICOLATO³

Centro Universitário Internacional Uninter

RESUMO

A revista SENHOR tratou dos mais variados assuntos de forma analítica e interpretativa. Com uma linguagem criativa e bem elaborada, a publicação usou também técnicas literárias na construção das reportagens, e é com objetivo de entender como funcionavam os procedimentos literários nas páginas da revista que essa pesquisa foi formulada. Para isso foi realizada uma pesquisa sobre a história da revista e suas características além de uma discussão de como o jornalismo se relacionou com a literatura. Para a análise das reportagens foi feito um recorte que abrange seis reportagens, levando em consideração as três fases da revista. Este artigo representa uma pequena parte do trabalho de conclusão de curso apresentado pela autora em 2014.

PALAVRAS-CHAVE

Gêneros jornalísticos; Jornalismo interpretativo; Jornalismo literário; Revista Senhor.

INTRODUÇÃO

O jornalista e o escritor. Seriam esses seres tão opostos? Um trabalhando em uma forma de arte, escrevendo palavras que serão impressas em livros destinados a serem lembrados para sempre. O outro escrevendo em escala industrial, palavras que não precisam ser belas, mas sim objetivas, sobre assuntos cotidianos, palavras que serão impressas em um papel que mancha a mão e que ao final do dia irá embrulhar peixe. Não! O jornalismo e a literatura, esses dois senhores distintos que caminham lado a lado, já se uniram há muito tempo, a gosto ou contragosto, de ambas as partes.

Houve um tempo em que ser escritor não era nada prestigioso e que ser jornalista era o melhor modo de pagar o pão de cada dia. Grandes escritores brasileiros já passaram pelas redações. Machado de Assis, Lima Barreto, Euclides da Cunha... Todos emprestaram para o jornalismo sua faceta de escritor, do mesmo modo que levaram para seus escritos o seu lado jornalístico. Qualquer um que leu *Os Sertões* sabe que a persona escritor e a jornalista de Euclides da Cunha trabalharam muito

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Recém graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Internacional Uninter, email: cintiasilva.jornalismo@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter, email: nicolato77@gmail.com



amigavelmente no enredo. Um exemplo mais atual é Clarice Lispector⁴, que trabalhou como jornalista em vários veículos de comunicação e, ao mesmo tempo, se dedicava a literatura. E foi nas páginas da revista SENHOR que Clarice publicou uma crônica sobre a morte de Mineirinho, um famoso criminoso carioca, texto no qual mesclou muito bem seu lado jornalista com seu lado escritora.

SENHOR: esse é o nome da revista que representou durante quatro anos o jornalismo cultural, no Brasil, com muita realidade, uma pitada de ficção e jornalismo literário. A SENHOR contava com artigos, críticas, ensaios, reportagens, perfis, e textos ficcionais de autores brasileiros e estrangeiros, além de crônicas. A trajetória da revista vai de março de 1959 a janeiro de 1964, totalizando 56 edições. Parece pouco, mas foi o suficiente para que a publicação se tornasse um marco na história da imprensa brasileira no campo do jornalismo cultural de revista. Realizada por um grupo de jornalistas, artistas plásticos e intelectuais, revelou-se como uma das mais importantes publicações da imprensa brasileira, algo que se assemelha ao padrão das revistas europeias e americanas que serviram de inspiração para o projeto gráfico.

A revista SENHOR foi elaborada para ser uma publicação de alto nível, compatível aos produtos da Editora Delta, empresa de Simão Weissman⁵. “Ele queria publicar a mais interessante revista brasileira de todos os tempos. Quem comprasse uma coleção da Delta ganharia uma assinatura da revista” (SIROTSKY, p.35). As fontes para concepção da publicação encomendada por Weissman partiram do jornalista Nahum Sirotsky, que montou um boneco⁶ baseado em publicações como a *Life*, *New Yorker* e a *Esquire*. “A ‘boneca’ ficou uma beleza, montada com recorte das mais belas publicações internacionais. Foi aprovada” (SIROTSKY, p. 40). A revista teria o preço mais alto que as mais caras revistas brasileiras, para que fosse vista como um símbolo de *status*. A base do projeto apoiava-se no público que era cliente da editora, definido pelas elites econômica e intelectual.

O alvo era o homem de alto poder aquisitivo na faixa de 30 a 50 anos, casado com uma mulher que se interessa por cultura. A revista era distribuída em todo o país e chegou a ter uma tiragem de 45 mil exemplares, significativa para a época.

Editorialmente, SENHOR publicava uma mescla de assuntos sobre cultura, temas da atualidade da época envolvendo política e serviços para o homem. Embora

⁴ Jornalista e escritora nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira.

⁵ Proprietário da Editora Delta, de forte presença no setor de dicionários e enciclopédias

⁶ Termo usado no design gráfico para nomear um esboço de projeto gráfico em produtos editoriais. É feito como modelo de teste antes da impressão da publicação final.



apresente uma grande variedade temática, sua maior contribuição estava no campo do jornalismo cultural com a predominância do material que foi publicado. SENHOR apresentou densidade editorial centrada nas características do jornalismo cultural de forma analítica, tentando fugir da cobertura rasa, pautada pela agenda da indústria cultural.

Tanto a literatura em si quanto o jornalismo literário estão presentes em todo o período de publicação da SENHOR. Partindo dessa premissa, essa pesquisa se concentrará em analisar quais procedimentos literários são utilizados na revista. Além disso, o presente trabalho tem como objetivos; explorar a questão da incorporação de uma linguagem mais literária no jornalismo; e fazer um apanhado de quais eram os gêneros jornalísticos presentes na publicação a fim de entender melhor as características textuais da revista.

Esta análise torna-se necessária visto que a publicação foi reconhecida e premiada tanto no Brasil quanto no exterior, recebendo a menção na revista *Graphics* da Suíça, considerada a mais importante no campo do *design* editorial, na década de 1950. Na área cultural, a SENHOR foi premiada em Buenos Aires, pela revista cultural *Hora Once*, que outorgava as instituições ou personalidades que mais tinham contribuído para a difusão dos valores culturais argentinos e ibero-americanos.

Apesar do peso da publicação para o jornalismo cultural, a revista SENHOR ainda não foi amplamente pesquisada⁷, os estudos referentes a ela estão focados na área do *design* editorial, devido ao projeto gráfico que revolucionou o modo de se fazer revista no Brasil. É necessária uma pesquisa que não fique apenas em sua face gráfica, mas que analise seu conteúdo textual e entre no campo da comunicação de fato, neste caso específico, o jornalismo literário.

Um estudo mais aprofundado da SENHOR serve como documentação histórica sobre a imprensa brasileira das décadas de 1950 e 1960, além disso, aborda costumes da época, o que é carregado de relevância cultural.

Como hipótese, acredita-se que o fato de a revista SENHOR utilizar procedimentos literários nas reportagens publicadas foi um fator positivo para a construção da linguagem textual mais elaborada e criativa em concordância com o jornalismo que se fazia na época. Além disso, o fato dos colaboradores da revista serem

⁷ Durante a pesquisa foram encontradas várias teses que relatam a importância da revista para o *design* gráfico e editorial, mas em relação ao campo do jornalismo o único encontrado foi “Revista Senhor: Modernidade e Cultura na Imprensa Brasileira”, da autora Eliane Basso, que pode ser encontrada no link: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101429/memoria21.pdf>



intelectuais foi um facilitador para que o uso das técnicas literárias fossem incorporados ao texto.

Passados quase 50 anos do fim da publicação da revista, a SENHOR não é fácil de ser encontrada. Suas edições são consideradas documentos raros com acesso limitado para pesquisa em bibliotecas, então todo trabalho realizado sobre ela se mostra válido como forma de resgatar a história de uma importante publicação brasileira que não pode ir se esvaindo com o passar o tempo.

METODOLOGIA

Para realização deste trabalho foram utilizados três métodos de pesquisa: bibliográfica, documental e de conteúdo. A fundamentação teórica foi constituída, principalmente, com base nos livros: *Uma senhora revista*, organizado por Ruy Castro; *Revista Senhor: Modernidade e cultura na imprensa brasileira*, escrito por Eliane F. C. Basso; *O design gráfico na revista Senhor: uma utopia em circulação*, escrito por Lucy Niemeyer. Nos gêneros jornalísticos: *Jornalismo informativo*, *Jornalismo interpretativo* e *Jornalismo opinativo*, trilogia escrita por Luiz Beltrão; *Gêneros jornalísticos no Brasil* e *A opinião no jornalismo brasileiro*, escrito por José Marques de Melo. Na questão do jornalismo literário utilizou-se as seguintes obras: *Páginas ampliadas*, escrito por Edvaldo Pereira Lima; *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, escrito por Tom Wolfe; *Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra*, organizado pelos autores Gustavo de Castro e Alex Galeano.

A análise documental se mostrou importante para ajudar na seleção das edições que serviram como base para essa pesquisa e, a análise de conteúdo foi realizada com objetivo de localizar os textos que apresentavam procedimentos literários que pudessem ser estudados.

Para esta pesquisa foram analisadas seis edições da revista, duas de cada uma de suas três fases. O critério usado para a divisão dessas fases foi a mudança dos editores da revista. Essa metodologia foi escolhida visto que, quando uma publicação muda de mãos, geralmente ocorrem alterações em sua estrutura e, como esta pesquisa trabalha com a análise de conteúdo das reportagens, é importante levar em conta esses períodos de transição. Para melhor entender a divisão das três fases, segue um esquema que mostra a troca de editores e o período de permanência de cada um na direção da revista: **1ª fase** – março de 1959 a julho de 1961 – Nahum Sirotsky; **2ª fase** – agosto de 1961 a



fevereiro de 1962 – Odylo Costa Filho; **3ª fase** – março de 1962 a janeiro de 1964 – Reynaldo Jardim.

No total foram analisados seis textos, um de cada edição selecionada, com o objetivo entender quais procedimentos literários foram utilizados na construção das reportagens. São elas: 1ª fase - *A festa da môça nova e Psicanálise do automobilista ou o perigo do homem ao volante*, 2ª fase - *O mundo redondilho: A literatura nordestina de cordel e A rua é do povo*, e 3ª fase - *Viagem por dentro do enfarto: A quem possa interessar e O espelho do dragãozinho*.

Os procedimentos literários levados em consideração na presente análise foram: a presença de força, clareza, condensação, tensão e novidade; as características de reportagem-conto, reportagem-crônica, reportagem de fatos, reportagem de ação e reportagem documental; e os tipos de abertura, propostos por SODRÉ e FERRARI (1986). A presença de traços do New Journalism, como a construção cena a cena, o registro do diálogo completo, ponto de vista da terceira pessoa e status de vida do personagem (WOLFE, 2005), também fizeram parte deste estudo.

A REVISTA SENHOR

O ano era 1958. Nahum Sirotsky se encontrava desempregado após um desentendimento com o criador da *Manchete*. Ele e sua esposa, Beyla Genauer, participavam de uma festa familiar quando Beyla avista Abrahão Koogan, um membro importante da famosa editora *Delta-Larousse*, que vendia coleções de livros a crédito. Ela se aproxima de Koogan e faz a seguinte pergunta: “O Nahum está disponível. Por que não o pegam para fazer algo para vocês?”. Então Koogan a responde com a seguinte frase: “Que ele vá aos nossos escritórios. Simão está pensando em revistas”. O Simão mencionado era Simão Waissman, um dos sócios da empresa. (SIROTSKY, 2012, p.35).

Pode-se se dizer que a história da revista SENHOR teve sua primeira cena naquela noite, um ano antes da publicação de sua primeira edição. Sirotsky, que na época pensava em um projeto de revista política internacional baseado nos moldes da *U.S News and World Report*, foi ao encontro de Waissman:

Começamos a conversa. Ele queria publicar a mais interessante revista brasileira de todos os tempos. Quem comprasse uma coleção da Delta ganharia uma assinatura da revista. [...] Os escritórios venderiam espaço publicitário. Perguntou se eu tinha alguma ideia. Não hesitei e disse que sim. Comecei a descrever como a imaginei no momento. Ele gostou e pediu que eu voltasse com o projeto gráfico. (SIROTSKY, 2012, p.35).



Naquela noite, Sirotsky começou a pensar na montagem da revista e Beyla sugeriu que o marido pedisse a ajuda de Carlos Scliar, que na época fazia o trabalho gráfico para um grupo teatral do Leme, cujo diretor era Paulo Francis. Sirotsky acatou a sugestão da esposa e chamou Scliar, que aceitou prontamente. Após uma conversa, Scliar convoca o amigo e pintor Glauco Rodrigues para auxiliar na parte criativa da revista, que seria voltada para o homem mas com assuntos que também chamassem a atenção da mulher, que, na época, era o maior consumidor de revistas no Brasil. “A revista conteria sempre uma novela completa e um ou dois contos. Publicaria ensaios sobre os mais diversos temas de interesse [...] Os autores teriam liberdade e total opinião”. (SIROTSKY, 2012, p.39-40).

Waissman gostou da ideia de Sirotsky, que se tornou o primeiro editor-chefe da publicação. Scliar foi contratado como editor de arte, logo Paulo Francis e Luiz Lobo passaram a fazer parte da equipe como editores e Jaguar como cartunista, apesar de alguns outros serem chamados para colaborar nessa categoria esporadicamente.

Luiz Lobo passou a fazer parte da SENHOR após um almoço com Sirotsky. “Ele informou que tinha dinheiro e carta branca dos editores para fazer uma boa revista durante um ano. E que não importava a natureza da revista, e sim sua qualidade gráfica”. (LOBO, 2012, p. 54).

Sirotsky queria uma revista basicamente política e econômica, com traços bem humorados e, segundo Lobo, as primeiras reuniões foram desgastantes, pois cada um dos editores tentava levar o tema da publicação para uma área diferente:

O projeto de Scliar era de uma revista de cultura, eminentemente brasileira, muito visual, com base na arquitetura, na pintura. Era um bom projeto, dentro dos objetivos da editora. Paulo Francis também imaginava uma revista de cultura, mas não via por que deveria ser eminentemente brasileira. E tinha uma visão mais literária do que plástica. Meu projeto era menos intelectual, mais aberto, mais de mercado. (LOBO, 2012, p. 54).

O nome da publicação foi outro motivo de discussão, foram cogitados aproximadamente 200, o título *Voga* chegou a ser mencionado como uma brincadeira relacionada à revista Vogue, e, além disso, era interessante pois lembrava algo que estava em “voga”. Essa ideia foi descartada devido a problemas com direitos autorais. O nome SENHOR foi escolhido pela equipe, mas Scliar preferiu que a revista fosse publicada como *SR.*, pois ficava mais bonito graficamente. (LOBO apud BASSO, 2008, p.14).

Segundo Basso (2008, p.15) o nome SENHOR foi escolhido pois:



[...] para o dicionário (Houaiss), Senhor é substantivo masculino; ‘aquele que tem algo; dono, proprietário; patrão; aquele que tem domínio sobre coisa ou sobre situação; homem da meia idade ou idoso... homem adulto indeterminado e escrito com letra inicial maiúscula representa Deus’.

SENHOR saiu como *SR.* em suas primeiras edições, até o momento em que as capas começaram a usar as duas grafias (SENHOR e *SR.*), visto que muitos jornalistas tinham dúvidas quanto ao nome da publicação e acabavam por chamá-la de “ésse-érre”. Além disso, a capa contava com o slogan “Uma revista para o Senhor”, que deixa bem claro a qual público a revista se destinava, o masculino.

Para nós, o leitor de SENHOR é um homem de 30 a 50 anos, com automóvel, casa, bons quadros e livros bem lidos na biblioteca, exigente no vestir, cuidadoso na seleção das bebidas, de paladar apurado, casado com mulher preocupada com as coisas da cultura. (...) É, assim, para ele e para ela que a revista é preparada. E a fórmula é simples: reunir numa só publicação tudo o que o homem gosta de ler, precisa ler. (SENHOR, jul./1961, p.8).

A identidade masculina da revista se mostrou em vários momentos. São exemplos disso as capas dos primeiros números que geralmente exaltavam a figura do homem, a propaganda que era sobre carros, companhias aéreas, bares e eletrônicos como barbeadores, sempre focados no consumo masculino. Luiz Lobo foi o responsável por criar um texto padrão que se dirigia ao leitor da revista como “o senhor”.

Segundo Basso (2008, p.13), o projeto da SENHOR foi criado pensando nos consumidores dos produtos da editora Delta, que era composto pelas elites econômica e intelectual. Era o alvo da revista o empresário com alto poder aquisitivo, formado pelo processo de industrialização, mas o projeto não deveria excluir a mulher deste homem, visto que a mulher era a maior consumidora de revistas na época.

GENEROS JORNALÍSTICOS NA SENHOR

O responsável por sistematizar os gêneros jornalísticos contemporâneos foi o professor da Universidade de Paris Jacques Kayser, que ao analisar jornais franceses da década de 50, separou o conteúdo das publicações em três gêneros: informações, artigos e mesclas de informações e comentários (PARRATT, 2008, p. 51). No Brasil, o assunto começa a ser pesquisado a fundo na década de 60 pelo jornalista Luiz Beltrão, que coloca o jornalismo dividido em três categorias: informativa, interpretativa e opinativa:

Jornalismo informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem).

Jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade).

Jornalismo opinativo (editorial, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor). (ASSIS, 2009, p.87).



Mas a trilogia de Beltrão não é a única classificação. Marques de Melo decide pesquisar mais sobre o tema e faz algumas mudanças no padrão posto por Beltrão além de inserir mais categorias, são elas: diversional e utilitário. Segundo o autor, o gênero **informativo** tem como conteúdo: nota, notícia, reportagem, entrevista. O **interpretativo** é formado por: análise, perfil, enquete, cronologia. O **opinativo**: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta. **Diversional**: história de interesse humano, história colorida. E por fim o gênero **utilitário**: indicador, cotação, roteiro, chamada, obituário (ASSIS, 2009, p.89).

Apesar de adicionar a lista os gêneros diversional e utilitário, Marques de Melo acredita que os únicos gêneros genuínos são o opinativo e o informativo e todos os outros são apenas ramos que surgiram a partir desses. Ele afirma que o jornalismo interpretativo e diversional “podem corresponder em certo sentido expressões já existentes no jornalismo informativo e opinativo” (2003, p.29).

A SENHOR nasce antes mesmo de os gêneros jornalísticos começarem a ser pesquisados no Brasil, o que só acontece nos anos 60, mas é importante frisar que a revista nasce dentro dos moldes de revistas europeias, e os gêneros já haviam começado a ser foco de estudos na França. A seguir, será apresentada uma relação com os gêneros jornalísticos presentes na SENHOR e como eles eram representados nas páginas da revista. Na questão da categorização dos gêneros foi escolhida a visão de Luiz Beltrão, por parecer a mais indicada no caso da revista. São eles: Opinativo, Interpretativo e Informativo.

Após a análise, pode-se concluir que na questão dos gêneros, a SENHOR encontrou no jornalismo interpretativo a receita para conquistar seus leitores, apresentando um conteúdo analisado, comentado, comparado, enfim, verdadeiramente interpretado. O jornalismo informativo também faz parte da publicação, mas em uma escala menor, visto que, pelo fato da publicação ser mensal, o foco foi a interpretação das notícias. O jornalismo opinativo é uma característica muito presente na revista, visto que desde a sua concepção, ficou claro de que a opinião seria uma das peças chave.

SENHOR publicou textos voltados para o jornalismo cultural com uma mescla de temas como arte, política e economia, todos de forma analítica e usando os gêneros jornalísticos interpretativo e, opinativo como peças-chave.



A REPORTAGEM NA SENHOR

Na academia muito se falou sobre o projeto gráfico da SENHOR, e sua base em publicações internacionais como a *Fortune*, *Esquire*, *The New Yorker*, *Life*, entre outras. Mas o que não se discute é o seu estilo textual, o modo como se escrevia para a revista, que também acabou bebendo um pouco da fonte dessas publicações. SENHOR deu espaço para textos sobre negócio, como a *Fortune*, visto que seu público-alvo era formado por homens de negócio. Tratou de moda e comportamento masculino, como a *Esquire*. Publicou ensaios fotográficos de belas mulheres, textos humorísticos e críticas culturais como a *Life*. E ainda muita ficção, reportagens interpretativas e ensaios como a *The New Yorker*. SENHOR selecionou não só o melhor do gráfico de cada publicação, mas também o que as levou ao topo das listas de venda do segmento que representavam, o seu modo de escrever. Claro que tudo isso foi muito bem adaptado para a realidade brasileira.

Que a SENHOR trabalhou com reportagens interpretativas, fugindo da cobertura superficial e sem atrelamento à indústria cultural já sabemos. Conforme o recorte deste trabalho, que visa analisar seis reportagens distribuídas entre as três fases da revista SENHOR, a questão central passa a ser: Como eram construídas as reportagens na revista? Quais suas características? Qual linguagem era utilizada? Essa é a questão nesta parte do trabalho. Analisar as reportagens na SENHOR é uma forma de entender qual sua linha editorial e como seus colaboradores viam a realidade do período:

Em 1959, época de efervescência da cultura nacional – com a Bossa Nova, a construção de Brasília, o Cinema Novo –, surge o que seria uma das mais bem sucedidas experiências em revista no Brasil. Criada por Nahum Sirotsky, ex-editor de *Visão* e *Manchete*, a revista *Senhor* conseguiu reunir o que havia de melhor em jornalismo, *design*, humor e literatura no início dos anos 1960. Símbolo de elegância, qualidade visual e de texto, a revista tinha seu público cativo junto a classe média sofisticada das grandes cidades. *Senhor* viveu até 1963, mas muito do que se fez depois nas revistas brasileiras já estava ali. (SCALZO, 2008, p.32).

SENHOR publicou muitos textos literários em toda sua história. Grandes autores viram nas páginas da revista um espaço para contar a história de seus personagens fictícios, mas os jornalistas também viram na revista uma forma de narrar as peripécias de seus personagens reais para contar uma história real. Os editores da revista optaram por trabalhar com uma média de duas a três grandes reportagens interpretativas por edição, a não ser em edições especiais, a exemplo da edição de fevereiro de 1962, que trouxe, além das reportagens habituais, quatro reportagens extras sobre o carnaval. Na



revista não havia regra padrão para a escrita dos textos, pois os colaboradores podiam escrever do modo com que mais se identificassem e o único critério de seleção era a qualidade dos textos. Isso pode ser observado nas páginas da revista reportagens que brincam com o leitor o tempo todo, que o instigam de forma bem humorada, mas também com textos mais sérios e sisudos. É tudo uma questão de personalidade do indivíduo por trás do texto. De acordo com Barreto, ficcionista que colaborou em todas as fases da revista:

Não havia ditadura de padrão, havia liberdade total, sendo submetidas as matérias a uma rigorosa avaliação de qualidade antes da aceitação. A seleção era exercida pelo corpo de editores, a saber: Geral: Nahum Sirotsky (depois, Reynaldo Jardim); Arte & Comunicação Visual: Carlos Scliar; Cultura: Paulo Francis; Serviços: Luiz Lobo; Humor: Jaguar. (2014, via-email).

Em uma mesma edição, neste caso a edição de fevereiro de 1962, pode-se ler uma matéria muito bem humorada, repleta de diálogos, metáforas e ilustrações escrita por João Bethencourt, intitulada “o buraco – reportagem em 14 episódios ou teste de inteligência ou conto popular”, na qual o autor conta sobre um buraco de rua que causou muita confusão no Rio de Janeiro, usando em seu texto manchetes de alguns jornais para descrever a discussão que se estendeu por um longo tempo. Vê-se também uma reportagem mais centrada, com grande embasamento teórico, intitulada de “A Psicologia de C. J. Jung”, escrita por J.O. de Meira Penna. Os dois textos são interessantes e capazes de prender a atenção do leitor, mas cada um usa um tipo de artifício diferente para isso, e ambos estão dentro do padrão de qualidade exigido pela SENHOR.

A revista dedicou bastante de seu espaço editorial para a ficção, publicando contos inteiros e capítulos de livros. Textos polêmicos e ousados, como uma prévia do livro *Lolita*⁸ que havia acabado de ser publicado nos EUA, ganharam páginas centrais na publicação. Truman Capote, Vinicius de Moraes, Guimarães Rosa e Rubem Braga, por exemplo, foram nomes constantes na revista. Talvez, todo esse clima ficcional da SENHOR, tenha se espalhado por suas páginas, fazendo com que as reportagens tomassem também um tom mais literário. Norman Mailer, um dos adeptos do Novo Jornalismo, foi um dos colaboradores da SENHOR. Ele publicou em junho de 1961 uma reportagem sobre *Hip, beatnik e beat*, mostrando que, ao contrário dos muitos

⁸ Escrito por Vladimir Nabokov, *Lolita* narra a história do professor de poesia francesa Humbert, que se apaixona por Dolores Haze, sua enteada de doze anos e a quem apelida de *Lolita*. Devido a essa trama de um homem de certa idade, que nos primeiros parágrafos já se identifica como um pervertido, várias editoras se negaram a publicar o romance na época.



veículos que repudiaram os “novos jornalistas”, a revista não se voltou contra as novas técnicas de reportagem que se aproximavam mais literatura. Na matéria, Mailer explicava as diferenças entre esses movimentos culturais, caracterizados como focos de rebeldia social dos jovens intelectuais contra uma sociedade repressora.

PROCEDIMENTOS LITERÁRIOS NA SENHOR

SENHOR encontrou no jornalismo interpretativo a receita para conquistar seus leitores, apresentando um conteúdo analisado, comentado, comparado, enfim, verdadeiramente interpretado. A escolha por manter esse tom mais interpretativo é uma consequência decorrente de dois fatores, a periodicidade e o quadro de colaboradores. Devido à periodicidade da revista, ela optou por não trazer notícias, pois disso as bancas já estavam cheias e os jornais diários cumpriam bem essa função, SENHOR optou por levar ao seu leitor reportagens escritas de forma aprofundada e com uma roupagem diferente, fazendo um resgate das notícias do mês que realmente valiam a pena ser exploradas e entregando essas de uma forma diferenciada. O maior exemplo foi o resgate na notícia sobre a morte do assassino Mineirinho, caso famoso no Rio de Janeiro, que rendeu matéria em todos os veículos de comunicação. Nas páginas da SENHOR o fato foi contado em forma de crônica por Clarice Lispector, dando origem a um texto totalmente diferente de todos aqueles publicados sobre o fato até o momento. Clarice deu leveza ao fato, explorando pontos que não haviam sido pensados até o momento.

O outro fator que influenciou o trabalho com o jornalismo interpretativo foi o quadro de colaboradores da revista. A publicação circulou num período onde a imprensa brasileira ainda não trabalhava sobre um regulamento, o que facilitou a presença de intelectuais e especialistas nas redações. A redação da SENHOR era uma dessas onde escritores, arquitetos, psicólogos, críticos e jornalistas trabalhavam lado a lado para a construção das edições. Pode-se ver, inclusive nas análises realizadas neste trabalho, que a presença dos intelectuais dava ao texto uma profundidade maior, profundidade que só um conhecedor do assunto pode dar. Uma profundidade que hoje, no jornalismo, não está em alta, mas que aos poucos vai retomando espaço nas revistas especializadas. E já que tocou-se no assunto “espaço”, outro ponto que teve espaço na SENHOR foi o jornalismo literário.

O tema “jornalismo literário” já foi alvo de muita discussão entre jornalistas e escritores, representando uma convivência até certo ponto pacífica, mas amarrada por



uma linha frágil, principalmente durante a década de 60, quando surge o *New Journalism*, com seu modo quase irreal de retratar a realidade nas páginas impressas. A SENHOR apresentou literatura como algo frequente e parte integrante do jornalismo feito por ela. A ficção teve seu espaço, preenchido por grandes nomes da literatura nacional e internacional, mas o espaço ocupado pela realidade, algumas vezes, também se contaminou com características da literatura e, como já vimos no decorrer desta pesquisa, essa convivência é totalmente possível, seja de forma mais discreta, ou mais aparente, como no Novo Jornalismo. Hoje a conversa entre jornalismo e literatura é algo mais comum, vemos grandes jornalistas sendo grandes literatos e a recíproca é verdadeira. Inclusive, esse jornalismo mais aprofundado, envolto de personagens e com narrativas bem elaboradas é uma das ditas salvaçãoes para o jornalismo impresso, que vem perdendo público frente ao online.

Com base na análise das seis reportagens, selecionadas entre as três fases da SENHOR, pode-se notar que a revista contou com características do jornalismo literário, como uso de personagens, tanto reais quanto ficcionais, como forma de explorar os temas tratados. Foi comum ver em suas páginas reportagens-conto e reportagens-crônica. Textos que realçavam a visão, a audição, e a imaginação do leitor. A reportagem documental foi frequentemente utilizada em combinação com essas reportagens mais literárias, como forma de informar o leitor sobre assuntos importantes em relação a comportamento, saúde, entre outros, com base na visão de especialistas nos temas. Também se utilizou bastante esse recurso como forma de dar um contexto, e resgatar os antecedentes sobre o assunto retratado, o que faz parte de um jornalismo mais interpretativo.

De acordo com a análise proveniente do recorte feito nesta pesquisa, SENHOR não apresentou todas as características do *New Journalism* e, geralmente quando apareciam em alguma reportagem era como forma de exibir o *status* de vida do personagem e a descrição cena a cena, sem usar de diálogos completos e pronto de vista da terceira pessoa. Esse fator pode ser explicado pelo fato *New Journalism* ser um estilo que nasce na década de 60 e que só começou a tomar conta das redações no Brasil em 66, com a revista *Realidade*. Nesse período a SENHOR já não circulava mais.

A reportagem de ação também foi parte integrante das reportagens mais literárias, pois em várias reportagens podemos ver a descrição detalhada do autor do que ocorre no cenário da matéria, como forma de fazer o leitor se sentir dentro da cena, visualizando junto com o repórter o que ocorria naquele momento.



Em relação à pessoa por trás do texto, pode-se notar que os especialistas/intelectuais, estavam presentes de forma ativa, tanto que a maioria das reportagens literárias aqui apresentadas foram escritas por eles. Acredita-se que pelo fato de serem profundos conhecedores dos assuntos tratados, esses especialistas tinham uma maior desenvoltura para construir o texto, explicando-o para o leitor de forma mais clara e precisa assuntos que geralmente não são muito simples de se entender. Mas os jornalistas não ficam para trás nesse quesito, pois eles também souberam usar muito bem os personagens e a narrativa mais elaborada e criativa.

Nota-se que nenhuma reportagem aqui foi puramente literária, pois todas apresentaram uma mescla de características literárias, com características de uma reportagem interpretativa, com inserção de conteúdos explicativos, mas isso não desqualifica a presença do jornalismo literário nas páginas da SENHOR, apenas reforça que a revista praticou o jornalismo interpretativo em todas as suas fases e ainda utilizou-se do jornalismo literário como forma de humanizar os relatos, de dar ritmo e emoção para os leitores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De março de 1959 a janeiro de 1964 circulou pelas ruas brasileiras um SENHOR carioca, simpático, bem humorado. Vestia-se de forma mais americanizada, mas seu coração era brasileiro, sim senhor! Vinha de família nobre, classe alta, andava nos melhores carros, conhecia os melhores autores de ficção, tanto nacionais quanto internacionais. Entendia de cultura, bons vinhos e de arte. Se interessava por cinema e gostava de ter informação aprofundada. Não queria saber dos assuntos da indústria cultural, preferia algo mais denso, mais próprio e voltado para ele. Amante da literatura, a via se espalhar por suas reportagens. Esse SENHOR já não circula mais por aí. Mas está na memória daqueles que tiveram o prazer de conhecê-lo, e é lembrado com saudosismo. Pode-se dizer que SENHOR foi uma revista de personalidade, que cresceu e se tornou conhecida pelos quatro cantos, mas devido às mudanças ocorridas na sociedade e seu grande ego acabou, saindo pela tangente para comprar um cigarro e nunca mais voltou.

Os estudos sobre essa publicação podem abranger várias áreas que ainda carecem de pesquisas mais aprofundadas. Um tema interessante seria interessante traçar um paralelo de como a revista SENHOR acabou influenciando as publicações que vieram depois dela, analisando o quanto da SENHOR pode-se encontrar na *Cruzeiro* ou



na *Realidade*, por exemplo. Um modo de trazer esse estudo para uma viés mais atual seria confrontar a própria SR. com a revista *Piauí*, uma publicação que chegou as bancas em outubro de 2006 e tem muitas características que remetem a SR. A *Piauí* também tem um diferencial gráfico: seu formato é de 26,5 cm x 34,8 cm, é impressa em papel especial de alta qualidade, o mesmo utilizado em impressão de livros, produzido exclusivamente em bobinas para sua impressão. Além disso, a publicação trabalha com o jornalismo literário e tem estruturas narrativas muito semelhantes às usadas na SENHOR.

Estudar a relação entre jornalismo e literatura é algo gratificante e necessário, visto os rumos que o jornalismo vem tomando com a chegada das novas tecnologias e, os vários questionamentos sobre o futuro do impresso. Produções nessa área acabam resgatando um pouco do *glamour* que o jornalismo literário já teve no passado, mas que acabou ficando de lado com a chegada de tempos onde o furo de reportagem acaba sendo mais valorizado que a construção, e a qualidade do texto jornalístico. Como já afirmou Ajzenberg, “o jornalista fere no peito o escritor”. Só depende dos profissionais, e dos estudantes que estão saindo das faculdades de jornalismo, resgatarem esse escritor, que pode em poucas ou muitas linhas, passar as informações de forma mais criativa e elaborada. E lembrar que, do furo de reportagem a internet cuida e, ao impresso, resta chamar o leitor pela qualidade da narrativa e o diferencial no modo de noticiar.

SENHOR foi uma publicação importante, que marcou uma época e serviu de modelo para muitas publicações que surgiram posteriormente. Apesar de não ter uma vida muito longa, os quatro anos em que circulou foram suficientes para que se tornasse uma referência e tema de estudos em campos como do *design* e do jornalismo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de. **As Variedades no Jornalismo Brasileiro**. São Paulo: Universidade Metodista, 2009.

BASSO, Eliane Fátima Corti. **Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro : Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

LOBO, Luiz. A morte e a morte da Senhor. In: **Uma senhora revista** / Organização Ruy Castro; Concepção e coordenação Maria Amélia Mello - São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2012.



MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

PARRATT, Sonia F. **Gêneros periodísticos em prensa**. Quito: Ciespal, 2008.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2008

SIROTSKY, Nahum. Antimemórias da Senhor. In: **Uma senhora revista** / Organização Ruy Castro; Concepção e coordenação Maria Amélia Mello - São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2012.